

# RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)  
autor(a), o texto completo desse  
trabalho será disponibilizado  
somente a partir de 15/12/2025.

**ANDREIA APARECIDA PANTANO**

**EM TIRAS DE PAPEL:**

**LIMA BARRETO ENTRE AS “RAZÕES” DA LOUCURA E AS “LOUCURAS” DA  
RAZÃO**

**ASSIS**

**2024**

**ANDREIA APARECIDA PANTANO**

**EM TIRAS DE PAPEL:**

**LIMA BARRETO ENTRE AS “RAZÕES” DA LOUCURA E AS “LOUCURAS” DA  
RAZÃO**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientador: Prof. Dr. Francisco Cláudio Alves Marques

**ASSIS**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Maria Luiza Carpi Semeghini - CRB 8/8301

P197e Pantano, Andreia Aparecida  
Em tiras de papel : Lima Barreto entre as "razões" da  
loucura e as "loucuras" da razão / Andreia Aparecida  
Pantano. — Assis, 2024  
175 f.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientador: Prof. Dr. Francisco Cláudio Alves Marques

1. Literatura Brasileira. 2. Barreto, Lima 1881-1922.  
3. Foucault, Michel, 1926-1984. 4. Cemitérios dos vivos.  
5. Diário do hospício. I. Título.

CDD 869.909

## **O IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA**

Em *Tiras de Papel: Lima Barreto entre as “razões” da loucura e as “loucuras” da razão*, trata-se de uma investigação teórica de natureza bibliográfica sobre o tema da loucura nas obras *Diário do hospício* e *Cemitérios dos vivos*, de Lima Barreto. Além dessa análise literária crítica sobre o fenômeno da loucura nos séculos XIX e XX, tendo como referencial teórico Michel Foucault, entre outros estudiosos do tema, também procuramos mapear como a loucura e o louco foram percebidos na Idade Média e no Renascimento, com incursões nos séculos XVIII e XIX. Neste sentido, a investigação do tema da loucura, se pensarmos no paralelo República/Lima Barreto e atualidade, se faz de extrema urgência e importância relacionarmos loucura e razão com o discurso racista e as insanidades políticas de ontem e de hoje, eis o potencial científico, educacional e cultural desta pesquisa, uma vez que a loucura e o louco foram e ainda são objetos de preconceitos e discriminação em nossa sociedade. Nossa pesquisa chama atenção para essa complexidade do fenômeno da loucura e o quanto Lima Barreto, por ser um homem negro, sofreu as agruras do racismo, tendo sido internado no Hospício Nacional dos Alienados, à sua revelia, por mais de uma vez.

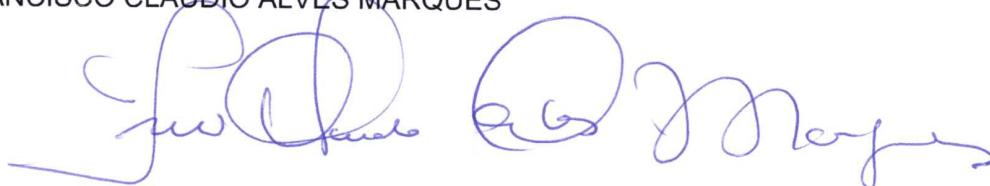
## **THE POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH**

In *Strips of Paper: Lima Barreto between the "reasons" of madness and the "madnesses" of reason*, this is a theoretical investigation of a bibliographical nature on the theme of madness in the works "Diário do hospício" and "Cemitérios dos vivos", by Lima Barreto. In addition to this critical literary analysis of the phenomenon of madness in the nineteenth and twentieth centuries, having Michel Foucault as a theoretical reference, among other scholars on the subject, we also seek to map how madness and madmen were perceived in the Middle Ages and the Renaissance, with incursions in the eighteenth and nineteenth centuries. In this sense, the investigation of the theme of madness, if we think about the parallel between República/Lima Barreto and the present day, is extremely urgent and important to relate madness and reason with the racist discourse and political insanities of yesterday and today, this is the scientific, educational and cultural potential of this research, since madmen and the mad were and still are objects of prejudice and discrimination in our society. Our research draws attention to this complexity of the phenomenon of madness and how much Lima Barreto, being a black man, suffered the hardships of racism, having been admitted to the National Asylum for the Alienated, in his absence, more than once.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ANDREIA APARECIDA PANTANO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.**

Aos 15 dias do mês de dezembro do ano de 2023, às 14:30 horas, no(a) Sala de Defesas e Sala Virtual: [meet.google.com/kbp-xyyo-gjq](https://meet.google.com/kbp-xyyo-gjq), realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de ANDREIA APARECIDA PANTANO, intitulada **EM TIRAS DE PAPEL: LIMA BARRETO ENTRE AS "RAZÕES" DA LOUCURA E AS "LOUCURAS" DA RAZÃO**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis/SP, Prof. Dr. MARCIO ROBERTO PEREIRA (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis/SP, Prof. Dr. RUBENS PEREIRA DOS SANTOS (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis/SP, Prof. Dr. RICARDO MAGALHÃES BULHÕES (Participação Virtual) do(a) UFMS - Três Lagoas/MS, Prof. Dr. WAGNER CORSINO ENEDINO (Participação Virtual) do(a) UFMS - Três Lagoas/MS. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA \_\_\_\_\_. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES



## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho

aos meus pais, Maria Fernandes Melato Pantano e Francisco  
Pantano (*in memoriam*) pelo amor de sempre ...

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Francisco Cláudio Alves Marques, pelo acolhimento, diálogo e a leitura crítica durante o processo da escrita. Obrigada pela oportunidade, confiança e a amizade!

Aos professores Ricardo Magalhães Bulhões e Rubens Pereira dos Santos, pela leitura cuidadosa, sugestões e críticas no exame de qualificação e durante a defesa da tese.

Aos professores Márcio Roberto Pereira, Wagner Corsino Enedino, e mais uma vez, Ricardo Magalhães Bulhões e Rubens Pereira dos Santos, pela leitura e apontamentos durante a defesa da tese.

Aos amigos, Heloisa Helena Correia Siqueira, Amélia de Jesus Oliveira e Sandro Dutra pelo carinho e os momentos mágicos.

À amiga e professora Baruana Calado dos Santos, pela contribuição valiosa.

Ao grupo, “As faladeiras”, Adriana, Carol, Daniela, Gabriela, Karine e Taciana, pelo incentivo ainda que distantes, mas sempre presentes.

Ao meu irmão, José A. Pantano, pelo cuidado e carinho de sempre.

A Regina Célia A Pantano, Gabriela Pantano e Guilherme Pantano, familiares queridos.

Ao inesquecível Lima Barreto, que encontrou seu caminho na literatura.

*Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só.*

*(Lima Barreto)*

*Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com quem me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade.*

*(Lima Barreto)*

PANTANO, Andreia Aparecida. **Em tiras de papel: Lima Barreto entre as “razões” da loucura e as “loucuras” da razão.** 2023. 175 páginas. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2023.

## RESUMO

O tema da loucura em Lima Barreto tem sido amplamente discutido em conferências, teses, artigos acadêmicos, livros e por pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Ora por um ângulo, ora por outro: estudos na área de Letras, História, Sociologia e até mesmo da Medicina têm se debruçado sobre os diversos aspectos da suposta loucura de Lima Barreto, assim diagnosticada pela sociedade e pelos pressupostos científicos vigentes à era republicana. Nesta pesquisa procuramos realizar uma revisão do tema da loucura em duas obras de Lima Barreto – Cemitério dos vivos/Diário do hospício (2017) – à luz dos estudos sobre a “loucura” realizados pelo filósofo francês Michel Foucault. Assim, buscamos uma aproximação entre filosofia, literatura e sociologia, além de um aprofundamento da questão da “loucura”, do processo de medicalização e normalização investigado por Foucault com vistas à compreensão de como uma visão sobre o “louco” e a “loucura” vai se delineando no contexto político e social brasileiro do final do século XIX.

**Palavras-Chave:** Literatura Brasileira; Lima Barreto; Michel Foucault; Loucura, Cemitério dos vivos; Diário do hospício.

## ABSTRACT

The topic of madness in Lima Barreto has been widely discussed in conferences, theses, academic articles, books and by researchers from many different areas of knowledge. Sometimes from one angle, sometimes from another studies in the areas of Literature, History, Sociology and even Medicine have focused on the different aspects of Lima Barreto's supposed madness, as diagnosed by society and by the scientific assumptions in force during the republican era. In this research we review the theme of madness in two works by Lima Barreto – *Cemitério dos vivos* (Cemetery of the living)/*Diário do hospício* (Hospice Diary) (2017) – in the light of studies on “madness” carried out by the French philosopher Michel Foucault. Thus, we seek an approximation between philosophy, literature and sociology, in addition to an in-depth examination of the issue of “madness”, the process of medicalization and normalization investigated by Foucault with a view to understanding how a vision of the “mad” and “madness” will develop in the Brazilian political and social context of the late 19th century.

**Keywords:** Brazilian Literature; Lima Barreto; Michel Foucault; Madness; Cemetery of the living; Hospice Diary.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1 O FENÔMENO/CONCEITO DE LOUCURA: UM RECUO NA HISTÓRIA</b> .....	<b>19</b>
<b>1.1 A nau dos loucos</b> .....	<b>19</b>
1.2 De Roterdã a Cervantes.....	24
1.3 O nascimento das instituições asilares.....	32
<b>2 A LOUCURA COMO DEBATE FILOSÓFICO-LITERÁRIO NO SÉCULO XX</b> .....	<b>47</b>
2.1 Artaud: um olhar para o século XX.....	47
2.2 <i>Henrique IV</i> , de Luigi Pirandello.....	51
2.3 Diário de um louco, de Gógol.....	53
<b>2.4 O tema da loucura na literatura russa: <i>O duplo</i>, de Dostoiévski</b> .....	<b>63</b>
<b>2.5 <i>Memórias do subsolo</i>, de Dostoiévski</b> .....	<b>65</b>
<b>2.6 “O senhor Prokhardtchin”, de Dostoiévski</b> .....	<b>70</b>
<b>3 O TEMA DA LOUCURA EM LIMA BARRETO</b> .....	<b>76</b>
3.1. A literatura e o Rio de Janeiro do século XX.....	76
3.2. Lima Barreto e a escrita de si .....	90
3.3 A loucura em Lima Barreto .....	99
<b>3.4 A equação álcool, loucura e literatura</b> .....	<b>116</b>
<b>4 RETRATOS LITERÁRIOS DA LOUCURA E DO HOSPÍCIO</b> .....	<b>128</b>
4.1 A voz de Lima Barreto no <i>Diário do hospício</i> e <i>Cemitério dos vivos</i> .....	133
4.2 <i>Cemitério dos vivos</i> : a ficcionalização da loucura .....	151
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>167</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>175</b>

## INTRODUÇÃO

*Os homens são tão necessariamente loucos que não ser loucos significaria ser louco de um outro tipo de loucura.*

*(Blaise Pascal)*

O tema da loucura em Lima Barreto tem sido amplamente discutido em conferências, teses, artigos acadêmicos, livros e por pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Ora por um ângulo, ora por outro: estudos na área de Letras, História, Sociologia e até mesmo da Medicina têm se debruçado sobre os diversos aspectos da suposta loucura de Lima Barreto, assim diagnosticada pela sociedade e pelos pressupostos científicos vigentes à era republicana. Como são inúmeros os estudos sobre o tema, citaremos aqui apenas alguns dos mais recentes e que devem fazer parte da revisão da literatura que pretendemos fazer sobre o autor e o tema.

A dissertação de mestrado intitulada “A interface entre psiquiatria e literatura na obra de Lima Barreto”, defendida na Faculdade de Medicina da USP por Sérgio Rachman, em 2010, busca referências à história da psiquiatria à época do escritor. Para tanto, investiga o contexto histórico-psiquiátrico em que as obras estão inseridas, e os aspectos cognitivos e biográficos do autor que interferiram na representação da loucura.

Outra dissertação, defendida por Ana A. Teixeira da Cruz, na FFCLH-USP, em 2009, intitulada “Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: *Don Quijote de la Mancha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*”, trata de examinar como os dois autores se apropriam do tema da loucura na construção de suas respectivas personagens.

O romance inacabado *Cemitério dos vivos* é analisado por Adelianna Alves Barros na sua dissertação defendida na Universidade Federal do Ceará, em 2016, como “a experiência manicomial de Lima Barreto”. Em sua pesquisa, Barros analisa a loucura em Lima como uma problemática indissociavelmente médica e social.

No ensaio, “Seja moderno, seja bruto: a loucura como profecia da história em Lima Barreto”, Roberto Vecchi (1998) enxerga na loucura de Lima um acerto de contas: um “ajuste inquieto de contas sobre as consequências da modernidade”, desdobramento de uma “avaliação crítica da própria *experiência* da modernização”. (VECCHI, 1998, p.111).

O livro de Luciana Hidalgo, *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura* (2008a), aproxima Literatura e loucura a partir do *Diário do hospício*, percorrendo

tramas da história da suposta insanidade do autor para construir o conceito de “literatura da urgência”, que consiste em uma espécie de narrativa-limite em estado emergencial. Para tanto, analisa nuances do fazer literário no confinamento do hospício, onde o autor amarga a solidão intelectual após assumir a função de “louco”.

Introduzimos nossa discussão citando este trecho extraído de uma das anotações feitas por Lima Barreto para o *Diário do hospício* (2017). A citação, um pouco mais longa, justifica-se pelo fato de reunir alguns dos elementos que ajudam a ilustrar nosso recorte: a visão de Lima sobre o louco, sobre a loucura, sobre sua própria condição e sobre as instituições que mantinham os supostamente loucos sob sua custódia no início do século XX:

*Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só.*

*Há os que deliram; há os que se concentram num mutismo absoluto. Há também os que a moléstia mental faz perder a fala ou quase isso.*

[...]

*Há uma nomenclatura, uma terminologia, segundo este, segundo aquele; há descrições pacientes de tais casos, revelando pacientes observações, mas uma explicação da loucura não há. Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles, e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda a sorte.*

[...]

*Todas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris. Todo problema de origem é sempre insolúvel; mas não queria já que determinassem a origem, ou explicação; mas que tratassem e curassem as mais simples formas. Até hoje, tudo tem sido em vão, tudo tem sido experimentado; e os doutores mundanos ainda gritam nas salas diante das moças embasbacadas, mostrando os colos e os brilhantes, que a ciência tudo pode.* (BARRETO, 2017, p.55, grifos nossos).

Os cinco pontos grifados na citação acima auxiliam na demarcação de um recorte preciso da nossa pesquisa: durante os intervalos situados entre a loucura e a razão, entre o delírio e a lucidez, Lima Barreto refletia sobre a questão da loucura, sobre a incapacidade de a Ciência defini-la no começo do século XX; sobre a falta de um diagnóstico preciso que apontasse quem era ou não realmente louco; o escritor tinha consciência de que a loucura independia da ideia de raça num momento em que as teorias raciais ganhavam terreno no Brasil e sustentavam o contrário. Na verdade, Lima Barreto esboça um discurso, tanto em *Diário do hospício* como em *Cemitério dos vivos*, que, nas entrelinhas, e às vezes explicitamente, dá conta de apontar as razões da loucura – seus motivos morais, históricos e culturais – e as loucuras da razão – a hipocrisia da sociedade, a incapacidade da Ciência e, conseqüentemente, os pontos falsos do discurso higienista/racialista, dos cientistas, detentores da “razão”, mas ainda incapazes de

sinalizar para a cura ou ministrar um tratamento mais humano às diversas vítimas da demência física, moral e social que acometia pobres e negros na sociedade carioca republicana.

No Brasil, a visão sobre o louco e a loucura, no começo do século XX, parecia reproduzir ainda muitos dos fundamentos da concepção corrente na Europa medieval. Assim como na Europa do século XVII, no Brasil republicano o internamento era uma medida sanitária e, portanto, literalmente um assunto de polícia, próximo do que ocorria na era clássica, em que, segundo Foucault (2017, p.63), “‘polícia’ significava o conjunto das medidas que tornavam o trabalho de internamento ao mesmo tempo possível e necessário”.

Partindo do particular, ou seja, da observação direta do cotidiano do hospício, em que estive internado por duas vezes, Lima Barreto desenhava um retrato da sociedade em geral, das instituições, da ciência e de uma sociedade que ainda imitava padrões europeus de comportamento e corroborava as crenças difundidas pelas teorias racialistas, segundo as quais, negros e mestiços eram os tipos raciais mais propensos à degenerescência física e moral.

Para a realização desta pesquisa nos reportamos ao pensamento de Michel Foucault sobre a “loucura”, pois acreditamos que grande parte dos estudos deste filósofo, reunidos em *História da loucura* (2017), pode ajudar a lançar luz sobre o tema da “loucura” na obra de Lima Barreto, especialmente o tópico sobre o imbricamento razão/loucura. Foucault elabora a seguinte pergunta para, em seguida, promover um debate com vistas a relacionar loucura e razão: “Como se faz esse reconhecimento tão inquestionável do louco?” A pergunta de Foucault deriva da seguinte afirmação de Boissier de Sauvages sobre o reconhecimento de um louco (*Apud.* FOUCAULT, 2017a, p.181): “As pessoas de razão sadia têm tamanha facilidade em reconhecê-lo que mesmo os pastores sabem quais de suas ovelhas foram atingidas por semelhantes doenças.” E quem era identificado como louco à época de Lima Barreto? Segundo o escritor carioca, “Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda a sorte.” (BARRETO, 2017, p.55).

Voltando a Boissier de Sauvages, Foucault cita dois trechos do autor com a finalidade de diferenciar o louco do são no século XVIII. Segundo de Sauvages, é considerado são “um homem que age em conformidade com as luzes da razão sadia”, bastando “atentar para seus gestos, seus movimentos, seus desejos, seus discursos, seus raciocínios, para descobrir a ligação que essas ações têm entre si e o fim para o qual tendem”. Quando se trata de um louco, diz de Sauvages (*Apud.* FOUCAULT, 2017a, p.181-182), “não é necessário que ele elabore falsos

silogismos para perceber a alucinação ou o delírio que o atingiu; seu erro e sua alucinação são facilmente perceptíveis através da discordância que existe entre suas ações e a conduta dos outros homens”.

Foucault observa que é apressado e superficial reconhecer um são ou um louco apenas por suas ações, e salienta que o que é ausência, do ponto de vista da loucura, “poderia muito bem ser nascimento de outra coisa: o ponto em que se fomenta uma outra experiência, no labor silencioso do positivo” (FOUCAULT, 2017, p.183). E complementa: ‘O louco não é manifesto em seu ser: mas se ele é indubitável, é porque é *outro*.’ O ponto alto da teoria de Foucault, nessa tentativa de relacionar loucura e razão, nasce como uma resposta ao verbete “Loucura” publicado na *Encyclopedie*, segundo o qual,

Afastar-se da razão sem o saber, por estar privado de ideias, é ser *imbecil*; afastar-se da razão, sabendo-o, porque se é escravo de uma paixão violenta, é ser *fraco*; mas afastar-se da razão com confiança, e com a firme persuasão de estar obedecendo à razão, é o que constitui, a meu ver, o que chamamos de ser *louco*. (*Apud.* FOUCAULT, 2017a, p.186).

Apesar de achar estranha a definição estampada na *Encyclopedie*, Foucault observa que nela, é possível encontrar, semiculto, todo o movimento que renova a reflexão sobre a loucura. Segundo o filósofo, a velha e simples oposição entre os poderes da razão e os poderes do insano é então substituída por uma oposição mais complexa e mais fugidia, pois, a partir daqui loucura passa a equivaler à:

ausência de razão, mas ausência que assume forma de positividade, numa quase-conformidade, numa semelhança que engana sem que, no entanto, consiga enganar. O louco afasta-se da razão, mas pondo em jogo imagens, crenças, raciocínios encontrados, tais quais, no homem de razão. Portanto, o louco não pode ser louco para si mesmo, mas apenas aos olhos de um terceiro que, somente este, pode distinguir o exercício da razão da própria razão. (FOUCAULT, 2017a, p.186).

É exatamente esse modo positivo de o “louco” se relacionar com a razão que interessa ao nosso debate sobre o modo como Lima Barreto se relaciona com a “razão” de seu tempo – as instituições, os homens, a sociedade e o mundo à sua volta. Ainda segundo Foucault, a percepção que se tem do louco a partir do século XVIII, está inextricavelmente misturada àquilo que existe de mais positivo e mais negativo.

O positivo é a própria razão, mesmo se considerada sob um aspecto aberrador; quanto ao negativo, é constituído pelo fato de que a loucura, no máximo, não é mais que o vão simulacro da razão. A loucura é a razão mais uma extrema camada negativa; é o que existe de mais próximo da razão, e de mais irreduzível; é a razão afetada por um índice indelével: o Desatino. (FOUCAULT, 2017a, p.186).

Enfim, nisto consiste nossa proposta: investigar como a loucura em Lima Barreto, e aqui a entendemos como uma loucura “positiva”, se relaciona com a razão, a “razão” dos homens de seu tempo, das instituições e das teorias correntes sobre as minorias. Aqui não se trata apenas de investigar como a sociedade brasileira da época da República, os cientistas e as instituições definiam e decidiam quem era louco, mas trata-se de analisar, nas duas obras objetos desta pesquisa, como o próprio Lima Barreto definia a loucura, concebia sua própria condição e os espaços destinados a custodiar os supostamente loucos. Não podemos deixar de levar em consideração, durante nossa pesquisa, o fato de que o escritor carioca não pode ser considerado um “louco” comum. Nas duas obras aqui investigadas a “loucura” tem seu sentido alargado pelo autor, que a emprega de forma muitas vezes metafórica para expressar a violência e a insignificância social que definiam a realidade do Brasil republicano, de modo que essa não é tarefa de um louco comum, submerso na anonimidade da vida.

Pelo fato de ter tido uma formação literária e filosófica sólida, suas leituras de autores clássicos como Dostoiévski, Flaubert, Zola, e de filósofos como Gaultier (autor de *Le bovarysme*, de 1892), lhe emprestaram as ferramentas com que construiria sua concepção da loucura; sua sensibilidade filosófica e literária o tornava um “louco” intelectualmente à frente de tudo e de todos que o enxergavam apenas pela cor da sua pele e condição social. A condição que lhe foi relegada pela medicina da época, a de braquicéfalo, a inferioridade em virtude da cor, é literariamente descrita com recurso a uma fina ironia ao longo de *Diário do hospício* e *Cemitério dos vivos*, escritos em que o escritor não perde a oportunidade de criticar as falsas premissas científicas dos discursos racialistas corrente no ambiente psiquiátrico da época.

A leitura e análise dos textos de Lima Barreto, sobre as instituições asilares e a loucura entre o final do século XIX e início do XX, foram cruciais para esta pesquisa especialmente pelo fato de tais textos apresentarem uma estrutura dialética que procura instigar o leitor às últimas consequências, isto é, a simbologia presente motiva um olhar curioso sobre o fazer literário que busca na literatura uma concepção de arte e um questionamento sobre questões humanas e universais, aliando, desse modo, e positivamente, loucura e razão, como relaciona Foucault (2017a).

Para uma melhor distribuição e desenvolvimento do tema proposto, elaboramos o texto desta pesquisa em quatro capítulos, assim organizados: no primeiro, intitulado “O fenômeno/conceito de loucura: um recuo na história”, visitamos autores que trataram do tema da loucura no contexto medieval, quando a loucura e o louco foram demonizados pela Igreja e sua condição resultante da influência de “espíritos malignos”. Na sequência, apoiados em dados

históricos da *História da loucura*, de Foucault (2017a), revisitamos um imaginário europeu segundo o qual o louco deveria ser transportado para fora da cidade, a bordo da mítica “nau dos loucos”. Ainda neste capítulo mencionamos o tratamento filosófico-literário dado à loucura por Erasmo de Roterdã, Cervantes e outros autores na fronteira temporal entre a Idade Média e o Renascimento, com o registro do nascimento das primeiras instituições asilares.

No segundo capítulo, intitulado “A loucura como debate filosófico-literário no século XX”, partimos de informações sobre a loucura entre os séculos XVIII e XIX, na Europa, para adentrarmos o século XX, em que autores como Dostoiévski, Artaud, Pirandello e Gógol atacaram o tema da loucura e do duplo, à luz de críticos, teóricos e filósofos como Foucault (2017a), Bakhtin (1981), Joseph Frank (2002), Kierkegaard (2013), Nietzsche (1987, 1992, 1995, 2004), Sontag (2022), Deleuze e Guattari (2011), Arlete Cavaliere (2009), Marshall Berman (1986), entre outros.

No terceiro capítulo, “O tema da loucura em Lima Barreto”, o assunto foi abordado com base em estudos do autor e do tema, com informações emprestadas de sua biografia, escrita por Francisco de Assis Barbosa (2017); aspectos históricos e literários envolvendo a obra do escritor carioca foram analisados a partir de Nicolau Sevcenko (1999), J. R. Oakley (2011), Beatriz Rezende (1993), Lilia Schwarcz (2010), José Osmar de Melo (2019), Antonio Candido (2017), Roberto Vecchi (1998), Luciana Hidalgo (2008), Osman Lins (1976), Alfredo Bosi, entre outros.

No quarto e último capítulo, intitulado “Retratos literários da loucura e do hospício”, analisamos o processo de ficcionalização da loucura nas obras *Diário do hospício* (2017) e *Cemitério dos vivos* (2017), em que Lima Barreto tece duras críticas à Medicina Psiquiátrica da época, às práticas médicas positivistas e racialistas, e ao tratamento dado aos insanos nas dependências das instituições asilares do Rio de Janeiro. Basicamente, retomamos Foucault (2017a), e nos demoramos em estudos mais específicos sobre o autor e o tema da loucura, como Roberto Machado (1978), Vera Portocarrero (2002), Jurandir Freire da Costa (2006), Antonio Candido (2017), Bruno Barreto Gomide (2011), André Dias (2004), Oakley (2011), Bosi (2017), Vecchi (1998), entre outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Malogramos sempre ao falar do que amamos.*

*(Roland Barthes)*

Nossa proposta inicial consistia em proceder a uma revisão do tema da loucura em duas obras de Lima Barreto – *Cemitério dos vivos/Diário do hospício* (2017) – à luz dos estudos sobre a “loucura” realizados pelo filósofo francês Michel Foucault. Assim, buscamos uma aproximação entre Filosofia, Literatura e Sociologia, além de um aprofundamento da questão da “loucura”, do processo de medicalização e normalização investigado por Foucault com vistas à compreensão de como uma visão sobre o “louco” e a “loucura” foi se delineando no contexto político e social brasileiro do final do século XIX, mas sem perder de vista a escrita barretiana.

Nas duas obras referenciadas Lima Barreto recorreu à alegoria bíblica do “geena”, o que ele denominou “*geena* social” para caracterizar o cotidiano e as caóticas condições de existência no interior dos hospícios a que fora forçado a se internar. A alegoria bíblica refere-se às regiões inferiores, ao suplício e à morte, o que dá a medida do tratamento dispensado aos internos à época do escritor carioca. Lima se utiliza ainda de outra alegoria, a “bolgia”, metáfora dantesca para referir-se à mesma situação. O termo, emprestado da *Divina comédia*, alude ao episódio em que Lima Barreto se encontra no pátio do hospício e observa os outros internos, e é muito significativo não só por atestar a erudição do escritor, mas também porque a “bolgia” é um *topos* que aparece no oitavo círculo do Inferno de Dante, formado por dez fossas (bolgie) em que os condenados à danação eterna sofrem infindáveis suplícios. (Cf. BARRETO, 2017, p.41).

Lima Barreto, o “escritor boêmio mais contador de anedotas”, não obteve, em vida, o reconhecimento que esperava, no entanto, no alvorecer do século XX, sua escrita começa a despertar o interesse dos estudiosos, da academia e da crítica literária, haja vista o crescente movimento de decolonização da literatura e do pensamento brasileiro, embora Lima tenha sido autor de uma escrita pioneira no sentido de desconstruir paradigmas e conceitos impostos pela inteligência da época, fortemente influenciada pelo que vinha da Europa. Passados mais de cem anos de seu encantamento, recebeu o título de doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2023.

Aguerrido autor de uma escrita engajada, Lima Barreto, ao publicar seu *Isaiás Caminha*, enfrentou vários reveses, conforme destacou seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa (2017).

Pelo fato de ter exposto o jornalismo tendencioso e alguns figurões da época, o romancista jamais conseguiu ser aceito na Academia de Brasileira de Letras. A sinceridade no trato do fenômeno social que presenciava e vivia, e o preconceito sofrido por ser negro, acarretou vários impedimentos ao escritor que, excluído dos círculos literários e da famosa Garnier, lutava a duras penas para publicar seus textos, mesmo assim, continuava com suas análises e memórias, propagando-as por meio de seus contos e crônicas. Conhecido como um escritor memorialista, o romancista nos lembra a todo momento das atrocidades ocorridas da Proclamação da República à modernização do Rio de Janeiro, uma vez que modernizar a então capital do país significava expulsar homens e mulheres considerados miseráveis, loucos e vagabundos, que eram forçados a deslocar-se do espaço urbano para os morros que circundavam a cidade.

Afonso Henriques Lima Barreto dedicou sua vida à literatura, e com seu estilo único, produziu uma escrita ousada, apresentando-a, sem parcimônia, aos leitores, buscando aproximar-se destes, ora através de seus textos, ora por meio da conversa, do papo no botequim e nas bodegas das ruas do Rio de Janeiro, o que lhe rendeu inúmeros julgamentos depreciativos por parte dos críticos da época. Apesar disso tudo, mesmo angustiado e sofrendo com o silêncio de parte da imprensa, o escritor continuou rumo à imortalidade, escrevendo sob circunstâncias adversas, especialmente quando se encontrava internado no hospício. Naquele *geena* social, entre uma anotação e outra, Lima Barreto tecia suas histórias, descrevia e ficcionalizava episódios vistos e vividos, dava vida às suas personagens, emprestava-lhes voz, algo que lhes era negado cotidianamente nas ruas do Rio e no pátio das instituições psiquiátricas da época, que adotavam práticas ainda muito próximas das medievais, como conseguimos inferir da leitura dos romances de Lima analisados à luz dos pressupostos foucaultianos.

Na busca por salvar-se do ambiente doméstico, opressor, o escritor caminha entre o delírio e a lucidez; era um *flâuner*, assim como seu personagem Gonzaga de Sá, “que fazia abuso de locomoção”. Era possível encontrar Lima “em toda parte, e “nas horas mais adiantadas”, e, caminhando, bebericando e proseando na livraria do amigo Chico. Entre uma boemia e outra, Afonso dava conta de escrever, responder inúmeras cartas, dar conselhos – “leiam Dostoiévski” –, e cuidar dos textos que pretendia publicar. O romancista construía suas lembranças e materializava sua vida em tiras de papel, recortadas sistematicamente dos jornais que circulavam de mão em mão, até quedar esquecidos sobre algum balcão e serem reciclados para dar vidas às suas histórias.

Lima Barreto nunca deixou de exercer o papel de crítico, ainda que estivesse sob o domínio das instituições totais – no caso o hospício –, jurisdições que, como explica Foucault,

excluía o outro e se apoderavam de sua Razão, com o intuito de classificá-lo como louco, submetê-lo e condená-lo à experiência da loucura. Enclausurado à sua revelia no “cemitério dos vivos”, Lima Barreto escreveu sobre as obsoletas, equivocadas e tendenciosas práticas médicas da época, registrando qual classe social e racial se encontrava confinada por trás das paredes dos hospícios e hospitais da cidade do Rio de Janeiro: “nossa gente pobre” e “tudo negro”. Afonso Henriques Lima Barreto confidenciou que o espetáculo da loucura, além de doloroso, flagrante e inexplicável, era tratado de forma desonesta e carregado de preconceitos por aqueles que se autoafirmavam como homens da Razão; questionou as pretensões científicas que instauravam a eugenia, recomendavam a limpeza étnica e visavam aqueles que fossem considerados “anormais”, miseráveis, bêbados, loucos, vagabundos e tantos outros que escapassem à razão e à normalidade.

As instituições psiquiátricas da época de Lima Barreto se encontravam às voltas com teorias obsoletas, que contrastavam com as mudanças que ocorriam em outros lugares do mundo. Vale destacar que somente agora, enquanto escrevo estas considerações, é que o Conselho Nacional de Justiça, por meio da resolução nº 487/2023, determinou que os Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico do Brasil devem ser extintos até maio de 2024, cem anos depois dos escritos de Lima Barreto denunciando os meios e práticas vigentes nos manicômios brasileiros. Somente agora o movimento antipsiquiatria começa a ganhar força no país, permitindo que a questão do encarceramento em hospícios possa ser discutida com a sociedade civil.

Nos capítulos que discutimos as obras *Diário do hospício* e *Cemitério dos vivos*, textos em que o escritor deixou seu testemunho incisivo sobre sua experiência com a loucura, verificamos que, com exceção dos delírios ocasionados pela embriaguez – embora muitas vezes a embriaguez permita que muitas “verdades absolutas” sejam contestadas –, toda a crítica tecida nas entrelinhas de seus textos foi realizada com extrema lucidez, como bem observou Alfredo Bosi (2017). Lima Barreto, assim como Artaud e Dostoiévski, revelou o abismo em que se encontrava, não escondeu seu desgosto, não deixou de registrar o incômodo causado pela “intromissão da polícia”, pela reclusão forçada, pelos vexames sofridos e os momentos de bebedeira e delírios que o levaram ao hospício na condição de indigente, em uma “carriola de ferro”. As caóticas situações vivenciadas no hospício não exauriram o vigor da sua escrita: o escritor costumava garimpar referências eruditas na biblioteca da instituição, se espelhava em outras experiências e buscava convergências e divergências entre estas e as suas histórias; fez

de sua cela um lugar para narrar impressões oriundas de sua sociedade com os loucos, de suas conversas com eles.

A escrita elaborada à sombra do hospício carrega a marca das violências sofridas cotidianamente nas dependências da instituição: o banho nu, com os demais internos, traz à memória de Lima Barreto a ducha a vapor usada por Dostoiévski em um presídio na Sibéria, em *Escritos da casa morta*. Considerando essas aproximações, buscamos apontar e viabilizar possíveis encontros entre os dois escritores, embora tenhamos consciência de que pecamos ou malogramos nesses momentos, uma vez que há inúmeras outras possibilidades de diálogos passíveis de serem estabelecidos entre *Cemitério dos vivos* e *Escritos da casa morta*.

A busca por uma relativa aproximação entre Dostoiévski e Lima Barreto foi motivada pelo fato de que ambos transformaram em matéria literária, embora tenham feito a partir de olhares diferentes, temas inerentes à condição humana. Ao narrarem suas experiências, o primeiro de dentro de um presídio, e o segundo enquanto interno de um hospício, tangenciaram aspectos de uma realidade caótica experienciada por milhares de homens e mulheres ao longo dos séculos. Ambos teceram uma literatura de cunho social que questionava e denunciava a cultura segregacionista cultivada no interior das instituições totais.

Dostoiévski, Artaud, Pirandello, Nietzsche e Gógol foram mencionados neste trabalho porque, tanto nas suas obras quanto nas suas respectivas vidas e vivências, deram um tratamento particular ao tema da loucura. O francês Artaud, incompreendido, considerado louco, passou anos confinado em hospícios, no entanto, transformou a própria dor em uma literatura composta por um “corpus partido, automutilado, uma vasta coleção de fragmentos. [...] uma poética, uma estética do pensamento, uma teologia da cultura e uma fenomenologia do sofrimento.” conforme Susan Sontag (2022, p. 17). Nietzsche, por sua vez, “conhecia bem a sua sina”, perde a razão no final, mas não antes de fazer uma profunda reflexão sobre a própria vida em *Ecce homo*. Assim como Lima Barreto, o filósofo não obteve reconhecimento em vida, nem mesmo entre os seus. Ao contrário destes escritores, que vivenciaram a loucura, Pirandello e Gógol não a experimentaram com tanta intensidade, mas criaram personagens que sucumbem ao desvario, ou fingem a própria loucura, como a personagem de Pirandello, de *Henrique IV*.

Os textos literários e científicos investigados para a elaboração desta tese sugerem o estabelecimento de um diálogo profícuo e inesgotável sobre o fenômeno da loucura, e cientes do risco da interpretação, procuramos seguir minimamente, e na medida do possível, algumas pistas e rastros que os textos e os autores deixaram. E, como “malogramos sempre ao falar do

que amamos”, conforme Barthes (1988), possivelmente vários fios da trama nos escaparam durante a escrita deste trabalho.

Lima Barreto, um escritor ousado e corajoso, adepto da literatura, escreveu sobre a loucura e suas veredas, sobre os preconceitos e a miséria, sobre homens, mulheres, crimes, enfim, sobre a angústia de uma época que tentou silenciá-lo, no entanto, hoje, sua obra começa a despertar um grande interesse dos estudiosos da literatura e da história, que, numa tomada de posição revisionista, buscam “reabilitar” escritores e escritoras negros e negras que foram historicamente relegados à margem pelo cânone e pela historiografia oficial.

Embora o tema da loucura e do cotidiano de um hospício não despertasse o interesse da elite literária brasileira, na transição do Império para a República, mesmo assim Lima o fez, pois, segundo Walter Benjamin, no ensaio “Sobre o conceito de história”,

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. (BENJAMIN, 1985, p. 223).

A história de Lima Barreto e a de tantos outros homens e mulheres negros(as), que, à sua época, sucumbiram à pobreza, ao álcool e ao descaso, considerados(as) loucos(as) e degenerados(as) pelas equivocadas teorias racialistas recém adotadas no país, podem ser recontadas nas entrelinhas do que, em tiras de papel, o escritor carioca deixou registrado para a posteridade, como elementos de uma arqueologia viva que se oferecem à revisão da história, pois, como escreveu o próprio escritor carioca, no ensaio “O destino da literatura”, “que importa o presente! No futuro é que está a existência dos verdadeiros homens.” (BARRETO, 2017, p.68).

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANTONIO, J. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- ARANTES, M. A. Hospício de doutores. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 49-63, jan./mar. 2008.
- ARTAUD, A. *Escritos de Antonin Artaud*. Trad. Claudio Willer. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- ARTAUD, A. *Linguagem e vida*. Organização de J. Guinsburg; Sílvia Fernandes Telesi e Antonio Mercado Neto. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ASSIS, M. *O alienista e outros contos*. São Paulo: Moderna, 1988.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 5.ed. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et.al. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARBOSA, F. A. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 11.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BARRETO, L. “Congressos”. In \_\_\_\_\_ *Coisas do Reino do Jambon*. São Paulo: Brasilense, 1956f.
- BARRETO, L. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956 b.
- BARRETO, L. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.
- BARRETO, L. *Correspondência, Tomo I*. São Paulo: Brasiliense, 1956 d.
- BARRETO, L. *Correspondência, Tomo II*. São Paulo: Brasiliense, 1956 e.
- BARRETO, L. *Cronista do Rio*. RESENDE, B. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017.
- BARRETO, L. *Diário do hospício/O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BARRETO, L. *Diário íntimo: memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956 a.
- BARRETO, L. *Feiras e mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956 c.
- BARRETO, L. *Histórias e sonhos*. São Paulo: Peixoto Neto, 2018.
- BARRETO, L. *Impressões de leitura e outros textos críticos*. Org. Beatriz Resende. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2017.
- BARRETO, L. *Lima Barreto: uma autobiografia literária*. Org. A. A. Prado. São Paulo: Editora 34, 2012.
- BARRETO, L. *Cronista do Rio*. Resende, B. (org). Belo Horizonte: Autêntica, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017
- BARRETO, L. *Marginalia*. São Paulo: Mérito S. A., 1953.
- BARRETO, L. *Os Bruzundangas/Numa e ninfa*. Org. Beatriz Resende. São Paulo: Carambaia, 2017.
- BARRETO, L. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BARRETO, L. *Sátiras e outras subversões*. Org. Felipe Botelho Corrêa. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2016.
- BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011.

- BARRETO, L. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Cotia, SP: Ateliê, 2017.
- BARRETO, Lima. “A Estética do ‘Ferro’”. In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956f.
- BARRETO, Lima. *Amplius!* In: Prefácio – *Histórias e sonhos*. São Paulo: Editora Peixoto Neto Ltda., 2018.
- BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Organização de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. I.
- BARRETO, Lima. Um e Outro. In: \_\_\_\_\_. *Contos completos de Lima Barreto*. Org. SCHWARCZ, L. M. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 80-88.
- BARROS, A. A. de. *O cemitério dos vivos: a experiência manicomial de Lima Barreto*. 170f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2016.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BASTIDE, R. *Sociologia das doenças mentais*. Trad. Mauricio Rittner. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1967.
- BENJAMIN, W. *Baudelaire e a modernidade*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de S. P. Rouanet. Revisão técnica de M. Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, W. *O narrador*. Observações acerca da obra Nicolau Lescov. In: \_\_\_\_\_. *Os pensadores* vol. XLVIII Trad. Otília B. Fiori Arantes. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- BENJAMIN, W. *Rua de mão única: obras escolhidas volume II*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- BENJAMIN, W. *Sobre alguns Temas em Baudelaire*. Trad. Otília B. Fiori Arantes. In: \_\_\_\_\_. *Os pensadores* vol. XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BERNARDINI, A. O trágico Imperador. In: PIRANDELLO, L. *Henrique IV e Pirandello*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: Edusp, 1990.
- BEZERRA, P. O Laboratório do Gênio. In: DOSTOIÉVSKI, F. M. *O duplo*. Trad. BEZERRA. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 52.ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- BOSI, A. Prefácio. In: BARRETO, L. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 7-28.
- BOTELHO, F. De ressentido a visionário”. *Revista Piauí*. São Paulo p.28-33, 17 novembro de 2022.
- CANDIDO, A. *Na sala de aula: cadernos de análise literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- CANDIDO, A. Os olhos, a barca e o espelho. IN: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 39-50.
- CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CASANOVA, P. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CAVALHEIRO, E. A correspondência entre Montero Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2017.
- CAVALIERE, A. Apresentação/A Alma da literatura russa. In: \_\_\_\_\_. *Clássicos do conto russo*. Trad. Boris Schnaiderman et al. São Paulo: Editora 34, 2019.

- CAVALIERE, A. Prefácio. In: GÓGOL, N. *Teatro completo*. Trad. Arlete Cavaliere. São Paulo: Editora 34, 2009.
- CHALHOUB, S. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- CHARTIER, R. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Trad. Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: Editora da UFSCar, 2021.
- CHESTOV, L. *La philosophie de la tragédie: Dostoievsky et Nietzsche. Sur les confins de la vie L'apothéose du déracinement*. França: Flammarion, 1966.
- CHRIST, I. M. No limiar entre a loucura e a razão: a obra (Uma breve análise de *Cemitério dos vivos* e de *Diário do hospício*). *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. USP – São Paulo, p. 1-10, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: [https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/049/ISABELLE\\_CHRIST.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/049/ISABELLE_CHRIST.pdf). Acesso em: 22/10/2023.
- COOPER, D. *Psiquiatria e antipsiquiatria*. Trad. Regina Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- COSTA, J.F. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 5.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- CRUZ, A. A.T. *Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de la Mancha e Triste fim de Policarpo Quaresma*. 205p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CUNHA, M. C. P. *Cidadelas da ordem: a doença mental na República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CUNHA, M. C. P. *O espelho do mundo: Juquery a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1986.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. 2.ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DERRIDA, J. *A escrita e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DIAS, A. *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes*. Niterói: Editora da UFF, 2004.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Escritos da Casa Morta*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2020.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DOSTOIÉVSKI, F. *O Duplo: poema petersburguense*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2011.
- ENGEL, M.G. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- FANTINATI, C. E. *O professor e o escrivão: estudos sobre literatura brasileira e leitura*. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.
- FERNANDES, C.R.D. O surgimento do hospício na literatura brasileira. *Raído*. Dourados, v.2, p. 98-106, n. 4, jul./dez. 2008. Disponível: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/101/108>. Acesso em 17 de março de 2023.
- FIGUEIREDO, C.L.N de; FERREIRA, C.M (orgs). *Lima Barreto, caminhos de criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Edusp, 2017.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

- FOUCAULT, M. A loucura, a ausência da obra. In: MOTA, M. B. da. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: MOTA, Manoel Barros da (Org.). *Estratégia, poder-saber*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Slama Tannus Muchail. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FOUCAULT, M. *Doença Mental e psicologia*. Trad. Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975.
- FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017a.
- FOUCAULT, M. *Loucura, literatura e sociedade*. In: MOTA, M. B. da. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz & Terra, 2017b.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, M. O que é um Autor? In: MOTA, Manoel Barros da (Org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FOUCAULT, M. *Os anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões. Trad. Raquel Ramallete. 34.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- FRANK, J. *Dostoiévski: as sementes da revolta*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 1999.
- FRANK, J. *Dostoiévski: os anos de provação*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 1999.
- FRANK, J. *Dostoiévski: os efeitos da libertação 1860-1865*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2002.
- FRANK, J. *Pelo Prisma Russo: ensaios sobre literatura e Cultura*. Trad. Paula Cox Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Edusp, 1992.
- FREIRE, Z. R. N. S. Lima Barreto: à Margem (da) na escrita. In: PEREIRA de Castro, D; SANTOS, R.C.Z. (Org). *Olhares sobre o marginal*. Jundiaí- SP: Paco Editorial, v.1, p.47-59.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREYRE, G. Prefácio. In: BARRETO, L. *Diário íntimo: memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956a.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GÓGOL, N. Diário de um louco. In: SCHNAIDERMAN, B. *Clássicos do conto Russo*. Trad. Boris Schnaiderman, et al. São Paulo: Editora 34, 2019.
- GÓGOL, N. *O capote e outras histórias*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- GOMIDE, B. B. *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. São Paulo: Edusp, 2011.
- GOMIDE, B. B. *Dostoiévski na rua do Ouvidor*. A literatura russa e o Estado Novo. São Paulo. Edusp, 2018.

- GUINSBURG, J.; FERNANDES, S. Prefácio. In: ARTAUD, A. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- HAYMAN, R. *Nietzsche e suas vozes*. Trad. Scarlett Marton. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.
- HIDALGO, L. A loucura e a urgência da escrita. *Alea*, v. 10, n. 2, p. 227-242, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/5ZkFHkj8RyyMpzrSdfz9swS/?lang=pt#:~:text=Demonstra%20Dse%20como%20esta%20literatura,a%20Dia%20psiqui%C3%A1trico%20normalmente%20ausentes>. Acesso em: 29/01/2023.
- HIDALGO, L. Lima Barreto e a literatura da urgência: a escrita do extremo como insurgência ao controle do corpo. *Anais do XI Congresso Internacional das ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*, p. 1-7, 2008. Disponível em: [https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/005/LUCIANA\\_HIDALGO.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/005/LUCIANA_HIDALGO.pdf). Acesso: 17/09/2020.
- HIDALGO, L. *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Annablume, 2008a.
- KALIFA, D. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. Trad. Márcia Aguiar. São Paulo: Edusp, 2017.
- KIEKEGAARD, S. A. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.
- LAUTER, W. M. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacoia Junior. São Paulo: Annablume, 1987.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- LIMA, E. G. de. Figurações da loucura na ficção de Lima Barreto. *Linguagem – Estudos e Pesquisa*, Catalão-GO, v. 18, n. 1, p. 19-35, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/35032/18662>. Acesso em: 29/01/2023.
- LIMA, L. C. *Melancolia: Literatura*. São Paulo: Editora da Unesp, 2017.
- LINS, O. *Lima Barreto e o espaço Romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MACHADO, R. et.al. *Danação da norma*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MACHADO, R. Introdução. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz & Terra, 2017.
- MACIEL, L. R.; RIBEIRO, D. C.; MATHIAS, C. M. *O fundo Hospício Nacional de Alienados e a base de dados do sistema atom: preservação e acesso de fontes históricas sobre a psiquiatria no Brasil*. In: VENANCIO, A. T.; DIAS, A. T. (Orgs.). *O hospício da praia vermelha: do Império à República (Rio de Janeiro, 1852-1944)*. São Paulo: Editora Unifesp/Fiocruz, 2022
- MARIA, L. *Sortilégios do avesso: razão e loucura na literatura brasileira*. São Paulo: Escrituras, 2005. (Coleção Ensaio Transversais).
- MARTON, S. *Extravagâncias*. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial/UNIJUÍ, 2000.
- MARTON, S. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1983. (Coleção Logos).
- MARTON, S. A terceira margem da interpretação. In LAUTER-MULLER, W. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacoia Junior. São Paulo: Annablume, 1997
- MASSI, A. Notas. In: BARRETO, L. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

- MELO, J. O. O Modernismo na Ficção de Lima Barreto. In: NEGREIROS, C; OLIVEIRA, F; GENS, F. (Orgs.). *Belle Époque: a cidade e as experiências da modernidade*. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.
- MONTAIGNE, M. Da loucura de opinar acerca do verdadeiro e do falso unicamente de acordo com a razão. In: MONTAIGNE, M. *Ensaaios*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34, 2016
- NEGREIROS, C. *Lima Barreto em quatro tempos*. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.
- NEGREIROS, C. Rio de *retalhos* nos cadernos de Lima Barreto. In: NEGREIROS, C.; OLIVEIRA, F.; GENS R. *Belle époque: a cidade e as experiências da modernidade*. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019, p. 153-179.
- NEGREIROS, C.; OLIVEIRA, F.; GENS R. *Belle époque: a cidade e as experiências da modernidade*. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.
- NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos, (ou como filosofar com o martelo)*. Trad. Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. Sobre Verdade e Mentira. In: NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas, volume I*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção Os Pensadores).
- OAKLEY, R. J. *Lima Barreto e o destino da Literatura*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.
- OLIVEIRA, F. Notas íntimas, obras públicas: o diário de Lima Barreto e a Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro (1903- 1905). In: NEGREIROS, C; OLIVEIRA, F; GENS. R. *Belle Époque: a cidade e as experiências da modernidade*. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.
- PAREYSON, L. *Dostoiévski: Filosofia, Romance e experiência religiosa*. Trad. Maria Helena Nery Garcez e Sylvia Mendes Carneiro. São Paulo: Edusp, 2012.
- PEREIRA, A. Prefácio. In. BARRETO, L. *Bagatelas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956b.
- PESSOTTI, I *A loucura e as épocas*. São Paulo: Editora 34, 1994.
- PESSOTTI, I *O século dos manicômios*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- PESSOTTI, I. *Os nomes da loucura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PIRANDELLO, L. *Henrique IV*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Edusp, 1990.
- PLATÃO. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997 (Coleção Os Pensadores).
- PORTER, R. *Uma história social da loucura*. Trad. Angela Melin. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- PORTOCARRERO, V. M. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- PRADO, A. A. Lima Barreto: o crítico e a crise. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PRADO, A. A. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- RACHMAN, S. *A interface entre psiquiatria e literatura na obra de Lima Barreto*. 117f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – departamento de Psiquiatria, São Paulo, 2010.
- RATTO, G. Pequenas anotações desconexas – em parte discordantes – à margem de um ensaio brilhante. In: PIRANDELLO, L. *Henrique IV e Pirandello*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Edusp, 1990.
- REIS, E.P. *Literatura e loucura: o escritor no hospício em três romances dos anos 70*. 246p. Tese. (Doutorado em letras) – Universidade Estadual de Campinas, 2004.

- RESENDE, B. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993.
- RICOEUR, P. *O mal: um desafio à filosofia e à ideologia*. Trad. Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- RICOEUR, P. *O si-mesmo como outro*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- ROTTERDÃ, E. *Elogio da loucura*. Trad. Maria Isabel Gonçalves Tomas. São Paulo: Publicações Europa-América, 1973.
- SANTOS, A. L. *A casa do louco*. Rio de Janeiro: Instituto de Letras - UERJ, 2001. Dissertação [Mestrado em Letras].
- SANTOS, F. S. D. dos; VERANI, A. C. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 17, supl. 2, p. 401-420, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/BdSBLb4vtb3dGT43bk9DL5M/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29/01/2023.
- SANTOS, M. I. D. de A. Loucura e literatura: a dimensão social da loucura e sua representação na narrativa de Lima Barreto. *Rev. Humanidades*, Fortaleza, v. 27, n. 2, p. 372-382, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rh/article/view/4637>. Acesso em: 29/01/2023.
- SANTOS, N. M. W. Sensibilidade da exclusão e loucura na literatura-memória de Lima Barreto. *Caravelle*, n. 86, p. 71-86, Toulouse, jun. 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40854243>. Acesso em: 29/01/2023.
- SARTRE, J. P. *Que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.
- SCHNAIDERMAN, B. “O senhor Prokharitchin”. In \_\_\_\_\_. *Dostoiévski: prosa poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- SCHNAIDERMAN, B. *Dostoiévski: prosa poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- SCHNAIDERMAN, B. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- SCHWARCZ, L. M. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SENELLART, M. A crítica da razão governamental em Michel Foucault. *Tempo Social. Revista de Sociologia*. USP, São Paulo, v. 7 (1-2), p. 1-14, outubro de 1995. Disponível em: <file:///C:/Users/Fco%20Claudio/Downloads/85117-Texto%20do%20artigo-119507-1-10-20140929.pdf>. Acesso em: 29/01/2023.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criações culturais na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, H. P. *Lima Barreto escritor maldito*. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- SONTAG, S. *Sob o signo de Saturno*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- SOUZA, P. C. Posfácio. IN NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SZASZ, T. S. *A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a Inquisição e o Movimento de Saúde Mental*. Trad. Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- VECCHI, R. Seja moderno, seja brutal: a loucura como profecia da história em Lima Barreto. In: HARDMAN, F. F. (Org.). *Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1998. p.111-124.
- VENANCIO, A. T.; DIAS, A. T. (Orgs.). *O hospício da praia vermelha: do Império à República (Rio de Janeiro, 1852-1944)*. São Paulo: Editora Unifesp/Fiocruz, 2022.
- WATT, I. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ZOLA, E. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. Trad. Italo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

ZUMTHOR, P. *Falando de Idade Média*. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009.